

TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MA FLS _____
-------------------------------------

**I – AUTORIDADE REQUISITANTE: MM. JUÍZO DE DIREITO DA  
1ª VARA DA COMARCA DE RIBAMAR**

**II – PROCESSO N°: 301/2003**

**III – ESPÉCIE DA PERÍCIA: EXAME DE INSANIDADE MENTAL, POR  
JUNTA MULTIDISCIPLINAR, COMPOSTA POR MÉDICOS E PSICÓLOGOS**

**IV – NATUREZA DESTA PERÍCIA: EXAME PSICOLÓGICO FORENSE**

**V – PERICIANDO: FRANCISCO DAS CHAGAS RODRIGUES DE BRITO**

**VI – PERITOS NOMEADOS DA ÁREA DA PSICOLOGIA:**

**ME.PS. MARIA ADELAIDE DE FREITAS CAIRES**

**ME.PS. ANTONIO DE PÁDUA SERAFIM**

**VII – DATA: SÃO PAULO, 07 DE OUTUBRO DE 2004**

### VIII - IDENTIFICAÇÃO

NOME: FRANCISCO DAS CHAGAS RODRIGUES DE BRITO  
DATA DE NASCIMENTO: 04/10/1964  
IDADE: 39 anos  
NATURAL: Caxias - MA  
NACIONALIDADE: Brasileira.  
FILIAÇÃO: Manuel de Brito e Edith Rodrigues  
ESTADO CIVIL: solteiro  
DOCUMENTO DE IDENTIDADE - RG: 064316 - SSP/MA

TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MA  
FLS. \_\_\_\_\_

### IX - MÉTODO UTILIZADO NO EXAME PSICOLÓGICO:

Psicodiagnóstico clínico, com enquadre forense, composto da Entrevista Psicológica subjetiva (com o periciando) e objetiva (com sua ex-mulher), análise psicológica das cópias dos autos do processo, bateria de testes psicológicos que envolvia o exame neuropsicológico de Luria (adaptação brasileira da Dra. Cândida Helena Pires de Camargo) e o exame de personalidade com provas projetivas e escalas.

O periciando foi examinado nos dias 14, 15, 16 e 17 de maio, do ano vigente, nas dependências da Delegacia onde se encontrava detido. As condições ambientais, técnicas e as motivacionais do periciando foram compatíveis com as preconizadas pela ética do exercício psicológico.

### X - HISTÓRICO

Trata o presente de Laudo Psicológico emitido para compor o Exame Psiquiátrico Forense, respondendo ao procedimento de Incidente de Insanidade Mental, instaurado pelo MM. Juiz de Direito da 1ª Vara da Comarca de Ribamar, Dr. Marcio Castro Brandão, por restar dúvidas quanto a capacidade de imputação penal do periciando em epígrafe.

Consta nas cópias do processo a nós enviadas, que o periciando foi indiciado pela prática de crime doloso contra o adolescente Jonnathan Silva Vieira, 15 anos, dentre outros quarenta, além de outros dois por tentativa, estes dois sobreviventes com mutilações graves. As vítimas tinham entre 10 e 15 anos, todos do sexo masculino e de baixa renda familiar. Coube a esta perícia, ora concluída, o estudo do caso envolvendo a vítima Jonnathan.

A versão dos fatos, do caso em estudo, oferecida a estes peritos pelo periciando é como segue: *"(...) esse menino que eu fui acusado, só quem sabia era a irmã dele (que o garoto iria sair consigo para apanhar juçara), só que da hora que a gente saiu, parece que aquela coisa fez a mesma coisa que fez com os outros, mas na minha mente eu estava indo colher juçara. Só que foi um acidente, o moleque subiu na árvore e caiu de cabeça, coloquei ele no ombro e saí correndo com ele para pedir ajuda, mas a coisa foi tomando conta para eu não pedir ajuda e aí eu deixei ele lá e a coisa queria que eu fizesse a mesma coisa e eu não fiz. A polícia me pegou em casa para depor e quando eu estava em casa de volta, à noite, eu estava quase dormindo e uma coisa, uma voz, veio que eu ia me dar muito mal, porque não obedeci de fazer o que tinha sido determinado. Na minha mente era como um sonho e esse menino não tinha saído comigo".* Esta explicação fantasiada sobre ter sido um acidente, é debelada na própria fala anterior do periciando: *"... parece que aquela coisa fez a mesma coisa*

que fez com os outros”, e ele, Chagas, “ia se dar mal”, porque a irmã da vítima sabia com quem e para que o irmão ia sair. A versão fantasiada (ambígua – “fez e não fez”) é um engodo para confundir ou atenuar, segundo sua ótica, a gravidade dos fatos – muito comum/frequente neste tipo de criminoso.

O processo mental/psicológico desencadeado no ato (pré, durante e pós) está na forma explicativa que tece sobre todos os fatos criminais por si cometidos, incluindo o caso em tela, tal como se segue: “o início foi assim em 1989, eu tinha 20 anos (25 nos documentos), eu comecei a sentir assim uma perturbação, estava mais agressivo. Antes eu era uma pessoa normal, tinha aquele prazer e vontade de vencer na vida. Às vezes eu ficava assim pensativo de uma coisa que devia ter feito, mas eu não lembrava. Eu não peguei (não voltou) mais a fase de trás, eu já estava sentindo na pele que o que tinha ganhado (dinheiro com garimpo), eu deveria ter aplicado, porque não estaria assim passando por certa precisão. Às vezes eu estava assim em casa e uma coisa falava assim no meu ouvido para eu sair naquele momento, e, às vezes, eu saía, só que quando eu saía, às vezes ...<sup>1</sup> às vezes ... a vítima vinha ao meu encontro sem nem eu o conhecer, eles sempre vinham para o meu lado, eu conhecendo ou não, como um imã. Eu falava alguma coisa que a pessoa (adolescente) saía mais eu ... para algum lugar ... só que eu ... eu não ... como eu já disse ... não tenho a resposta. (?) A perturbação era uma transformação que quando chegava eu não me controlava mais. (?) sentia aquela coisa no juízo, o coração batia mais apressado, a pele ficava arrepiada, assim como uma coisa que dizia que teria sido determinado para eu fazer. (?) Era uma voz que vinha de dentro da minha cabeça. (?) Na mata era como se eu estivesse no centro da cidade (?) nada da mata me atingia: bichos, mato, gravetos, me atingia, era como se eu estivesse andando na rua e não no mato, como se andasse por cima da água e de tudo. (?) Depois de tudo, que esse negócio ia passando, eu tinha uma sensação, como um sonho que você não lembra direito. Chegava em casa perturbado, assim agitado ainda, eu brigava com a mãe delas (suas filhas), aí as crianças vinham na hora, eu pegava no colo e aquela coisa ia passando.”

Sobre a alegação de não lembrar-se do procedimento que perpetrava às vítimas, vai tecendo esclarecimentos ora atribuindo teor mitológico, ora mostrando que seu processo mental, relativo à memória, dependia de uma ação específica para desencadear uma reação também específica (lembrar-se), conjunta, da polícia e de si – aquela trazia a prova que em ato contínuo o liberaria a contar – como ocorreu ao passar a relatar a relação de crimes. “Tanto que quando eles (os investigadores) acharam lá em casa (ossada de vítimas enterrada na sala de sua casa), parece que quebrou uma força, e eu comecei a me lembrar de algumas coisas. Porquê isso aconteceu comigo? Parece um fim de carreira, parece que quem fez isso me largou e eu fiquei no fogo. (?) Uma coisa que me chocou muito foi o fato que aconteceu com o primo das minhas filhas, filho do irmão da mãe de minhas filhas. (?) A mesma coisa que aconteceu com esses outros, eu não tenho a lembrança (dos detalhes) ... esse menino sumiu, e eu com a minha mente apagadíssima, eu ajudei tudo a procurar o menino, uma coisa forte que eu não tenho explicação. (...). Na cela eu já tive uma conclusão, que talvez as pessoas, o povo daqui da terra, pecador, não merece a resposta, mas eu não sei ela, se soubesse já tinha dito para me livrar (das pressões externas), às vezes, depois que vem isso, eu não consigo dormir.”

<sup>1</sup> Legenda: ... = pausa que o periciando faz no relato; (...) = trechos selecionados de um mesmo texto; (?) = pergunta do examinador para o examinado.

Foi um processo mental gradual, de padrão rígido, por isso afirmava, em perícia, que “*eu sei que eu posso lembrar de tudo (todos os detalhes do procedimento usado) se a polícia me levar em Altamira, onde tudo começou.*” A “força que quebrou” tem um nome científico – inflexibilidade – do seu processamento mental. Só seria liberado internamente, se favorecessem que cumprisse etapas.

E acrescenta: *Quando eles falaram lá de casa, eu disse que ia ajudá-los, o que eu lembrava eu ia dizer para liberar esses coitados desses crimes aí. A justiça da terra faz muita coisa errada, a justiça de Deus não, é como uma aprovação. Aqueles cinco que estão lá no presídio de Belém, eles estão pagando por um crime que não fizeram. (...) Tinha uma senhora que diziam que estava por trás disso (dos crimes), uma pessoa forte, de magia negra e que não fazia só, só que nunca eu andei com ninguém.*”

Da análise psicológica dos depoimentos testemunhais destacamos, como de particular interesse a este estudo, os seguintes dados colhidos:

1. Do ex-patrão da oficina, Sr. Carlos, 30 anos: “*notou, quando Chagas trabalhou em sua oficina, que ele era bastante irritado. (...) Chagas conhecia Jonnathan, pois Jonnathan foi umas duas vezes, quando Chagas trabalhava lá. (...) que não havia combinado nada com Chagas (na manhã do crime). Que Chagas dizia que não gostava muito de juçara*” (p. 264, grifo nosso).
2. Da irmã da vítima Jonnathan, Regiane, 19 anos: “*(...) que, ainda no dia 06 de dezembro à noite, o acusado foi à casa da informante, onde primeiramente negou ter saído com Jonnathan e conhecê-lo, posteriormente admitido conhecê-lo de vista...*” (p. 262, grifo nosso).
3. Da mãe de Jonnathan, Sra. Rita, 37 anos: “*... tendo o acusado olhado a carteira que lhe foi apresentada e dito, sorrindo, esse é que é seu filho? Eu já o conhecia, mas não sabia que o nome dele era Jonnathan*” (p. 260, grifo nosso).
4. Da tia de Chagas, Sra. Raimunda, 50 anos: “*que durante o tempo que morou na casa da depoente nunca manifestou ele qualquer comportamento anormal. (...) que nunca recebeu ninguém em sua casa procurando pelo acusado, mesmo porque passa o dia trabalhando” (p. ilegível, grifo nosso).*
5. Do exame cadavérico médico-legal: “*causa mortis: traumatismo crânio encefálico. Da descrição das partes examinadas: crânio – fratura com 5cms de extensão em sentido vertical no osso occipital – o forame occipital até a porção média, fratura de 2cm do osso occipital, sentido horizontal, na porção média e superior prolongada por fratura linear à esquerda do mesmo osso em sentido vertical (...). Maxilar: ausência do incisivo lateral esquerdo”. (cópia manuscrita dos autos policial. grifo nosso).*

## **XI – HISTÓRIA PESSOAL**

### **11.1. ENTREVISTA PSICOLÓGICA FORENSE SUBJETIVA:**

Os dados de anamnese são concordantes com os obtidos pela perícia médica, acrescentando de interesse o que segue:

a) da vida familiar pregressa: na primeira infância passou por diversos grupos familiares. O primeiro foi com os pais e os irmãos até os 3 anos; com a separação do casal, os filhos ficaram, por um ano, com o pai, pois a mãe fora embora com outro companheiro; aos 4 anos o pai constituiu nova família e entregou os filhos aos cuidados da avó materna; aos 7 anos foi morar com o tio materno, onde permaneceu até, aproximadamente, os 12 anos; desta idade até os 15 anos voltou a residir com a avó e

dos 16 em diante, sozinho, em alojamentos de garimpo, passava 4/5 anos sem se comunicar com os familiares.

A convivência, seja em que grupo estivesse, sempre teve como marca a violência, quer física ou psicológica. Com a avó, rígida nos preceitos morais e muito nervosa, impingia corretivos severos a si e seus irmãos, ou porque não venderam todo o coco na feira, ou por chegarem em casa com algum objeto diferente. Nestes momentos, mandava aquele que seria punido buscar o cipó na mata – *“era um cipó de duas pontas e espinhudo – para bater na gente, se tentasse fugir era pior e se ficasse gritando ela derrubava o moleque, punha o pé no pescoço e dava, depois punha salmoura.”*

Com a família do tio materno, que residia em Altamira, foi só, os irmãos não acompanharam. O casal tinha um único filho, e a violência, psicológica, compreendia algumas ações da tia: *“ela protegia mais o filho, ela puxava mais para o outro lado, toda coisa mais mal feita na casa não era o de dentro, era o de fora.”* A tia comprava presente para o filho e não trazia nada para ele, só quando o tio reclamava com ela, *“mas eu toda vida fui sempre opinioso, se quisessem me dar algo eu aceitava, se não, não fazia questão.”* Ou o ameaçava de tirá-lo da escola particular, que fazia junto com o primo, para colocá-lo na estadual porque ia mal - *“aí eu me desgostei.”* E outras do primo: *“meu primo era metido, coisas de menino, ele dizia – você é pobre, nós não, nós temos coisas (bens materiais), você só tem a roupa. Um dia eu fiquei zangado e resolvi falar com meu tio, ele deu umas lapadas nele e eu fiquei aliviado.”* Foi neste período que praticou Karatê, estava na faixa marrom e ia fazer o teste para passar para a preta, quando resolveu voltar para a casa da avó e ajudá-la a vender banana na feira. (?) *“Mudei para melhor, porque aí eu trabalhava e tinha o meu dinheiro.”*

Nos garimpos havia violência diariamente: *“desde pequeno já vi muita gente morta, por isso eu tenho muito medo de quem morre e quando acharam na minha casa eu não acreditei no que estavam dizendo. (?) Trabalhei muito em garimpo de ouro e vi muita coisa assim, o povo matava só por maldade mesmo, na Serra Pelada tinha os acidentes também, e aí morriam 50/60 pessoas de uma vez – a escada era de 300ms de fundura – aí eu fiquei nervoso, sei lá, e fui embora para outro lugar.”*

- a) da vida escolar: gostava de Matemática, mas *“não tinha incentivo”* para aprender a ler e escrever. Considera-se analfabeto, porque não conseguiu concluir os estudos. Em sala era bem comportado, todos gostavam de si, mas era do tipo *“espantado”* e aéreo/distraído – a professora precisava repetir 10/20 vezes para poder aprender. A 4ª série do Ensino Fundamental, fez no período noturno, aos 15 anos, mas, mais namorava do que estudava. *“Lembro da minha 1ª professora, Marilene, porque ela tratava muito bem os alunos, não gritava, tinha paciência.”*
- b) Da vida afetivo-relacional: teve um amigo mais próximo e duradouro; diversas namoradas, *“não me amarrava em ninguém.”* Destas gostou mesmo da 1ª, aos 16/17 anos, com ela experimentou o desejo de constituir família e de vida sexual mais amorosa, diz não esquecê-la até hoje. Diz que nunca foi de brigar na escola ou em casa, mas na vida, sim, eventualmente. Gostava de música e, aos 15 anos, ganhou o 1º lugar num show de calouros. Tem cinco filhos biológicos, de três mães, a mais velha 15/16 anos, o segundo com 14/15 anos, e um terceiro – todos do Pará – registrados, e as duas caçulas, 6 e 4 anos, é mais apegado a estas porque as viu

nascer e conviveu enquanto grupo familiar. Separado há dois anos, refere que cumpria seu papel de pai, enquanto estava solto, não deixando de prover as filhas.

- c) Da vida laborativa: iniciou precocemente aos 4 anos, na roça, dos 7 aos 12 em feira livre com a avó materna, entre os 12 e os 16 ficava entre a feira e garimpos eventuais e próximos de sua residência, dos 16 aos 25 anos dedicou-se ao garimpo onde chegou a obter relativo progresso – chegou a ter maquinário próprio e pessoal produzindo para si, mas refere que só “queria desfrutar a vida, não pensava no futuro, eu queria só brincar.” Nesta fase trabalhou registrado para algumas empresas. Depois deste período, foi percebendo uma queda gradual e persistente de rendimento e qualidade funcional, voltou para São Luiz e passou a exercer serviços gerais. Refere, com muito orgulho, que sempre foi um trabalhador, nunca roubou e nunca havia pisado numa delegacia.
- d) Dos antecedentes pessoais: refere que tem catarata, teve hanseníase – tratou-se, em 94, por 6 meses, “o remédio me deixava inquieto e nervoso”, mas ainda sente a “canela dormente” a esquerda, distúrbios do sono (ronco, terror noturno, enurese tardia); alimentação regular; preocupação com o condicionamento físico – corria, praticava artes marciais. Não serviu o Exército, “porque eu não quis, fui dispensado, só que na época eu já treinava, corria todo dia 6 km.” Nega uso de drogas, confirma uso de alcoólicos com eventuais situações de embriaguez, sonha em pilotar um avião para que as pessoas o admire.
- e) Dos antecedentes familiares: pai saudável, pessoa nervosa; mãe falecida um ano após ter se separado; irmãos saudáveis, um apenas com escolaridade completa. Uma irmã, que residia em São Luiz, com a sua prisão “não agüentou, colocou a casa a venda e mudou-se de cidade.”

#### 11.2. Entrevista Psicológica Forense objetiva:

Sua ex-mulher, Sra. Silvia, informa que Chagas “é muito esquisito, não gostava de diálogo, tudo tinha que ser do jeito que ele queria; não gostava de ser questionado; não era carinhoso consigo e nem com as filhas, se irritava muito com eles, não tinha paciência. Era agressivo em casa, quebrava panelas, jogava comida no chão quando não gostava; agredia fisicamente a esposa com ponta pés, soco e esganadura. Quando o via irritado ia para a casa da mãe, por medo. Não se dava bem com o enteado, ficava incomodado quando este estava por perto. Chegou a agredir seu irmão que o deixou desmaiado e sempre que saía de casa, levava junto uma faca. A vida sexual do casal não era satisfatória. Era reconhecido como um bom vizinho.”

Relata um fato: “uma vizinha pediu-lhe que cuidasse de seu filho de 8 meses, por algumas horas, deixou-o dormindo no berço e foi lavar roupa, escutou um grito infantil seguido de choro, correu e ao se aproximar viu o Chagas perto, com ar desconfiado, e notou que o pênis do bebê estava avermelhado e com um pouco de sangue, na época não deu importância ao fato.

## XII - ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante o exame, Chagas procurou manter-se atento e cooperativo. O contato, cordial e comedido, bem como a motivação foram adequados ao contexto. O

engajamento mesclava-se com tentativas fortuitas e subliminares de controle da situação de exame, com outras mais espontâneas.

Do exame neuropsicológico pode-se observar lateralização mista (destro para pé e manual, e canhoto para braço e ocular); dominância hemisférica para linguagem, o resultado aponta para bilateralidade.

O funcionamento cognitivo assenta-se sob a égide de distúrbio importante dos mecanismos atencionais (amplitude, concentração, de automonitorização e para manter-se seletivamente orientado em uma meta). Esta característica sugere ser de desenvolvimento, considerando o relato sobre a vida escolar, sendo pouco sustentável com a situação de exame.

O déficit atencional contribui para reduzir a eficiência de algumas habilidades e capacidades que dependam de aprendizagem ou de análise e planejamento prévios à sua execução. Isto foi observado em tarefas envolvendo movimentos motores (bimanuais, simultâneos e alternados), às com desenhos geométricos simples e mais complexos (uns com reprodução gráfica, outros com cubos), bem como, no armazenamento de detalhes de uma estorieta curta relatada. Algumas destas ineficiências ocorrem mais, portanto, com material visual do que verbal, e podem, também, neste caso, ter certa influência das inabilidades pontuadas na escolaridade em atividades dependentes da motricidade fina (escrever, desenhar, como referidas na história quanto à dificuldade para aprender a ler e escrever), mas não daquelas que requeiram motricidade manual mais ampla.

As capacidades de percepção e síntese visual estão preservadas, bem como a de nomeação sob confronto visual.

Quanto à linguagem, observa-se na comunicação oral espontânea ou na requerida pelas provas verbais e projetivas, nestas mais freqüente, uma necessidade no uso de palavras e expressões rebuscadas e atípicas (excluídas as regionais) no ensejo de demonstrar mais eloquência e cultura. A compreensão de instruções e questionamentos é normal, desde que formuladas em frases mais curtas e simples na construção semântica, o mesmo não se observa na interpretação de texto curto e apropriado, lido por si em voz alta.

As dificuldades da linguagem, encontradas quanto a fluência verbal, vocabulário, formulação de opinião pessoal, leitura e escrita, são entendidas como fragilidade cognitiva, filiáveis ao quadro de Distúrbio de Aprendizagem. Responsável tanto pela repetência e evasão escolar, quanto pela baixa auto-estima, que incide na competência, logo, na autoimagem. Reveste este sentimento de insuficiência/desmoralização com ingredientes fantasiosos, hipervalorizados, que o contrapõe.

Os processos de memória, imediata e tardia, caminham *pari passu* com o descrito até então, sendo muito melhor para material verbal, quer para textos com significado (estorietas) ou palavras, do que os de material visual. Nestas mantém um padrão assaz ineficiente, com perdas proeminentes a longo prazo de desenho mais complexo, mas, também, em menor grau, de detalhes relevantes da estória.

Aprende com facilidade lista de palavras, mas não a de desenhos -- incorre em diversos erros de rotação, contaminação de um com outro e perseveração, numa curva de aquisição pobre.

Os processos intelectuais revelam uma inteligência simples, pautada no predomínio do raciocínio concreto/indutivo, sobre o dedutivo. O pensamento abstrato é o do tipo espacial, e processa-se de maneira bastante lentificada. O pensamento abstrato verbal é precário. A atividade mental, além de lenta, é inflexível, denotando dificuldade

para passar de um conceito aprendido para outro novo – persevera no padrão bem sucedido sem poder acatar a ajuda externa, que favorece o momento de mudança.

O padrão de funcionamento cognitivo e intelectual do periciando revela, em essência, dificuldades para ordenar, planejar, analisar, interromper/rever a ação e para refletir as possibilidades de resolução do problema a si apresentado.

Do ponto de vista da personalidade, observa-se que o trabalho mental processa-se em ritmo lento, com capacidade associativa satisfatória numericamente, mas traduzida sob a forma de interesses mórbidos, predominantes.

A gama de interesses pelo ambiente, todavia, se amplia a partir da exposição mais prolongada aos estímulos, que se acompanha, ao mesmo tempo, de crescente excitabilidade mental. Esta vai se infiltrando e se impondo em tal monta que promove um afrouxamento das idéias – que tumultuam entre si – desarmonizando o trabalho mental. Este funcionamento reflete num esmaecimento da crítica ou possibilidade de corrigir a ação pela lógica e bom senso, fica invadido, entregue em meio a correlações/explicações impróprias, subjetivas e distorcidas. Perde a meta e o discernimento resvala na onipotência de que tudo pode ser plausível.

Este nível de excitação é favorecido pela ambigüidade do juízo crítico ou julgamento lógico consensual e moral (mais socializado), menor possibilidade de assimilação e elaboração emocional das experiências e pela instabilidade e indisciplina da atividade mental.

Tais aspectos revelam um amadurecimento psicológico interrompido ou bloqueado, que interfere dificultando a adaptação lógica à realidade, o autodomínio racional e a capacidade de ação e realização dirigida e produtiva.

Contudo, convém ressaltar, que as dificuldades apontadas no trabalho mental são de desenvolvimento, traduzindo uma disfuncionalidade e não propriamente uma desordem cerebral de natureza lesional ou orgânica, *stricto sensu*.

É na dinâmica afetivo-emocional que se encontra a origem dos aspectos impeditivos do pleno desenvolvimento psicológico do periciando.

Denota menor sensibilidade aos incitantes afetivos do ambiente, que junto com tendência obsessiva-compulsiva (padrão rígido de defesa, pensamento e ação) e de introversão, refletem a característica de se postar de maneira fria e distante.

Facilmente excitável pela fantasia, onde busca satisfação – já que as aspirações intelectuais não conseguem romper as marcas indelévels de insuficiência impressas na auto imagem –, e pela elevada sensibilidade ao tédio, tende a uma busca incessante por novidades e estímulos intensos, numa ação exploratória, desorganizada e impulsiva (p.e. atividade no garimpo). Na medida que esta vai ganhando expressividade motora, sentimentos de autoconfiança e de superioridade vão se impondo, amparados pelo desapego, ausência de medo e insegurança.

Onisciente, egocêntrico, insensível, hostil e com profundas feridas narcísicas (viveu sob o jugo de vínculos básicos retaliadores e perversos, incapacidade para aprender, entre outros), a ação exploratória se metamorfoseia para predatória com requintes de sadismo, violência, intolerância e irascibilidade (pelo mau humor e irritabilidade exacerbada), numa escalada sem volta. A possibilidade de autocontrole – repressivo, como é o seu – sucumbe, e a ação caminha sem o mínimo de consideração que possa ter pelo outro ou sem a mínima capacidade (até instintiva de auto preservação, inerente a vida animal), para avaliar os riscos e conseqüências de seus atos. O instinto predatório toma o corpo de um desejo inadiável e ganha a convicção de um poder sem precedentes que o domina e o transforma em todo poderoso, invencível.

É um processo psicológico, parcialmente dissociado da autoconsciência (noção que tem de si, como se vê: – “*A perturbação era uma transformação que quando chegava eu não me controlava mais (...) sentia aquela coisa no juízo (...) Às vezes eu estava assim em casa e uma coisa falava assim no meu ouvido para eu sair naquele momento (...) como num sonho que você não lembra direito*” – sic), que traz no seu bojo um subdesenvolvimento dos papéis prototípicos<sup>2</sup>, da autonomia pessoal, do autocontrole intrínseco enquanto capacidade para domínio consciente, dirigido, voluntário, sobre os processos do pensamento, porquanto socializado.

Tal processo externa um complexo dos impulsos vitais, em particular dos sexuais, cuja virilidade assume um caráter regressivo, que impõe uma necessidade de afirmação agressiva do papel sexual. Portanto, relativo a aspectos subjetivos da sexualidade e não da identidade sexual.

Pelo seu caráter não-consciente e tão regressivo, dita um supercontrole defensivo (mecanismos de repressão e negação) para aquela conduta de afirmação mais guiada por instintos que pela razão. O resultado é uma dificuldade para integrar pensamentos com sentimentos e impulsos, facultando o descontrole de comportamentos agressivos e violentos

A dinâmica psíquica é desarmonica coexistindo disposições a reagir racionalmente em nível consciente e a de ser mobilizado maciçamente, em nível latente, por disposições emocionais primitivadas e conflituosas. Estas conduzem a uma adaptação emocional marcada pela cautela, dissimulação/escamoteamento e medo de autoridade (no sentido da ação que ela perpetra como disciplinador).

Compensa a aridez e acidez do seu caráter, assim como a imprevisibilidade do seu temperamento com a autoconfiança do poder social que exerce, poder este hipnótico que seduz e subjuga (similar a como descreve as vítimas: “*(...) eles sempre vinham para o meu lado, eu conhecendo ou não, como um imã*”), e de pseudo cooperativismo (disponível e colaborador) que engendra em benefício próprio, contudo.

As dificuldades da dinâmica afetivo-emocional são também de desenvolvimento – provavelmente amplificadas por vivências traumáticas muito precoces, que marcaram e desviaram o curso natural do desenvolvimento psicológico –, e assestam para desordens afetivo-conativas responsáveis pela formação do caráter. Marcas indelévels promoveram anormalidades persistentes no manejo das relações interpessoais e da condução social inerentes ao indivíduo adulto que desenvolve mecanismos de inibição social indispensáveis à convivência e ao bem estar coletivo.

### **XIII – EXAMES LABORATORIAIS COMPLEMENTARES**

13.1 – Eletroencefalograma Digital com Mapeamento Computadorizado do Cérebro (EEG). Conclusão: “Eletroencefalograma de vigília dentro dos limites normais de variação.” (anexo ao laudo médico pericial).

A par deste resultado que indica, por certo, uma frequência de base normal e sem sinais de atividade epileptiforme, podemos observar, numa análise mais fina ou detida do traçado eletroencefalográfico do periciando, aspectos que sugerem certa anormalidade na sincronia e amplitude diminuída em região frontal, com algumas áreas de alentencimento.

<sup>2</sup> Clareza dos papéis sociais, pertinentes ao gênero

13.2. – Ressonância Magnética do Crânio, datada de 04/08/2004, cujos resultados é como se seguem:

“As seqüências realizadas evidenciaram:

Fossa posterior: ausência de anomalia de sinal no parenquima cerebelar e tronco cerebral. O 4º ventrículo e de calibre normal e mediano. Cisternas de base sem alterações. Amígdala cerebelar em posição habitual.

Supra Tentorial: Parenquima cerebral sem evidência de anomalia de sinal. Corpo caloso íntegro. Cavidades ventriculares de calibre normal. Não há desvio da linha média. Ausência de anomalias de giros e sulcos. Não observa-se lesão expansiva intra ou extra axial.” (Laudo anexo ao Laudo Psicológico).

Utilizando do mesmo expediente realizado na leitura detida do EEG, temos neste exame de imagem algumas impressões clínicas, embora neste caso mais discretas que na anterior. Analisando, há sugestões de uma quantidade menor de giros na região frontal e aparência normal para as regiões: temporal, hipocampo, occipital e cerebelo.

#### **XIV - DISCUSSÃO:**

A equipe médica teceu Comentários Médico-Legais (item 10 do Laudo Psiquiátrico Forense) acerca do diagnóstico psiquiátrico. Contudo, cabe, pelo lado da Psicologia, esclarecer alguns mecanismos psicológicos indiretos e diretamente correlacionados ao perfil de funcionamento do periciando, bem como ao quadro psiquiátrico destacado.

O perfil de funcionamento cognitivo apurado, revela algumas características peculiares que interferem diretamente nos processos mnésticos: o escasso controle volitivo (controle este que implica mais que a percepção consciente, ele avança para a capacidade de antecipar as conseqüências de uma ação, a capacidade para decidir em realizá-la ou não) (Goldberg<sup>3</sup>) associado à inflexibilidade mental e à excitabilidade e impulsividade exacerbadas, desencadeiam uma profusão de idéias e de ação que desorganizam a atividade mental plausível, mas garante uma atividade motora intacta. Evocá-las, numa percepção consciente, passa a ser um empreendimento quase inacessível face a profusão de idéias/pensamentos, emoção e instinto que acompanhavam a ação, restando-lhe, de fato, imagens em *flashback*.

O seu processo de memorização, relativo ao procedimento que perpetrava às vítimas, estava mais íntegro até a chegada na mata – o que permitiu-lhe lembrar-se de todos os casos (após sentir-se liberado via a descoberta de ossadas em sua casa) – a partir daí a descarga da ação motora ganhava o seu ápice na seqüência do seu ritual, que obnubilava o seu registro mental, mas não o registro da memória cinestésica (relativa aos seus movimentos motores). Esta foi possível resgatar voltando ao local onde tudo começou (esta exigência, nos parece, mais filiada ao padrão rígido e inflexível de organização mental). Aspectos defensivos podem pairar na primeira etapa (ao se sentir liberado para confessar os crimes), mesclados, contudo, de hostilidade e desafio ao outro, à segunda não, parece-nos mais filiada a descarga neurofisiológica intensa.

<sup>3</sup> Goldberg, E. (2002) O cérebro executivo lobos frontais e a mente civilizada. .R. de Janeiro: Imago Ed.

Este é o nosso entendimento para o "comprometimento lacunar da memória", (vide Laudo Médico).

Quando ao "comprometimento da vida instintiva primária (instintos biológicos), como dos instintos superiores, adquiridos na prática social" (ibidem), nos parece esclarecido na análise dos dados obtidos ao exame de personalidade, mais particularmente, sobre as condições afetivo-emocionais. Mas adiantamos, que há um comprometimento sim da vida instintiva primária, que prejudicou, conseqüentemente, o desenvolvimento de mecanismos de inibição que se adquire na prática social.

## XV - CONCLUSÕES:

O conjunto dos dados, de história e exame, aponta para desordens de duas naturezas:

1ª - **no perfil de funcionamento cognitivo:** conclusões apuradas e contrastadas através dos dados de história e dos diversos exames, de que as dificuldades de área de linguagem encontradas são filiáveis ao Quadro de Distúrbio de Aprendizagem (de leitura e escrita), associado a possível Quadro de Distúrbios da Atenção. Ambos contribuíram, em particular o primeiro, na construção do auto-conceito, impingindo na auto-imagem sentimentos de insuficiência/incompetência pessoal. Há também, um "subdesenvolvimento" de funções cognitivas altamente necessárias ao desenvolvimento da mente civilizada - este aspecto tem sido só mais recentemente pesquisado. Sua contribuição no comportamento social do periciando repousa na dificuldade para manter um controle volitivo, mais consciente e dirigido, sobre suas ações e de avaliar riscos e conseqüências das mesmas e assim poder decidir se as realiza ou não.

2ª - **na dinâmica afetivo-emocional:** as dificuldades apuradas são relativas ao desenvolvimento da socialização dos afetos, caracterizadas como desordens afetivo-conativas (volitivas), que incide, diretamente, na formação do caráter.

Deste modo, sob o ponto de vista da Psicologia Forense, o periciando apresenta uma Perturbação da Saúde Mental (conforme definição legal), cuja repercussão é a de ficar privado da plena capacidade de entendimento e de exercer a autodeterminação de acordo com esse entendimento. Esta condição, por certo, estava presente no momento da ação por se tratar de desordem de desenvolvimento.

## XVI - RESPOSTAS AOS QUESITOS DO JUÍZO:

a) O réu, Francisco das Chagas Rodrigues de Brito, ao tempo das ações, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, inteiramente incapaz de entender o caráter criminoso dos fatos ou de determinar-se de acordo com esse entendimento?

R. Quesito de área médica.

b) O réu, em virtude de perturbação da saúde mental ou por desenvolvimento mental incompleto ou retardado, via-se privado, ao tempo dos fatos, da plena capacidade de entender o caráter criminoso destes ou de determinar-se de acordo com esse entendimento?

R. O réu é portador de perturbação da saúde mental, nestes termos, ousou discordar, parcialmente dos Doutos peritos da área médica, dada a complexidade do funcionamento cognitivo, intelectual e afetivo-emocional, verificada na Análise dos

Resultados (pp. 6 a 9, deste laudo) e Conclusões (p. 11, do mesmo documento). Neste caso, em específico, o periciando (réu) encontrava-se, no momento da ação, privado da plena capacidade de entender e determinar-se de acordo com este entendimento, a partir do momento em que o instinto predatório se instala.

- c) Caso não se verifique a plena capacidade do réu, qual a espécie nosológica apurada?  
R. A espécie nosológica já foi respondida pelos *Experts* da área médica, contudo, há de se acrescentar pela área psicológica, que a base do transtorno de personalidade apurado, corresponde a desordens, muito específicas, do desenvolvimento do caráter, nas funções afetivo-volitivas que o compõe, agravadas, neste caso, pelas dificuldades cognitivas e características particulares do periciando destacadas no corpo do laudo
- d) A doença ou perturbação eventualmente sofrida pelo réu tem tratamento ou recuperação?  
R. Não há tratamento eficaz até a presente data, como bem salienta os *Experts*, contudo, diversos estudos vêm sendo realizados envolvendo a área das neurociências (mapeamento cerebral – impulso *versus* sistema cerebral privilegiado *versus* resposta fisiológica), de clínica médica (controle de níveis hormonais específicos, entre outros) para se desenvolver métodos psicossociais e clínicos de recuperação dos indivíduos portadores deste grave distúrbio do comportamento.
- e) Caso afirmativa a resposta ao quesito anterior, como se pode dar o tratamento ou a recuperação do réu?  
R. Prejudicada, porquanto as iniciativas ainda se concentram no foro das investigações científicas. Uma “força tarefa” entre Judiciário e pesquisadores – aquele, permitindo pesquisas com estes indivíduos encarcerados, e este, pesquisando, os avanços científicos e práticas terapêuticas ganhariam em tempo, principalmente no Brasil onde é necessário se fazer algo, urgente, uma vez que a nossa Legislação não faculta cumprimento de pena além de 30 anos.
- f) Quais as principais características comportamentais da doença ou perturbação eventualmente sofrida pelo réu?  
R. Elas decorrem de um subdesenvolvimento psicológico (cognitivo, intelectual e afetivo-emocional), que são hoje traduzidas, e observadas no periciando, como: insensibilidade emocional – que imprime nas relações interpessoais uma indiferença, desapego e falta de empatia, tendência manipuladora e sedutora (charme superficial), ausência de remorso e culpa pelo sofrimento perpetrado a outrem (o arrependimento que sente recai apenas nas conseqüências que seu ato impingiu à sua própria vida, depois que é detido), ausência de metas a longo prazo e irresponsabilidade, descontroles comportamentais por expressão da violência (enquanto sob estimulação externa, encarcerados são os que apresentam a melhor conduta) e, comportamento anti-social – versatilidade criminal.
- g) De quais fatores decorre a doença ou perturbação sofrida pelo réu?  
R. Fatores biopsicossociais. Os estudos apontam hoje para uma incidência duas vezes maior que na população geral, para aqueles indivíduos que sofreram violência doméstica em fase muito precoce do desenvolvimento psicológico.
- h) Como se definiria o comportamento do réu nos aspectos familiar, afetivo e sexual e como ele lida com isso?  
R. As relações interpessoais, como um todo, são percebidas por si sem atrativo ou encanto, e, assim como é instável na vida laborativa, na vida familiar também o é, por inabilidade grave de vincular-se, lidando com indiferença e desapego. A vida

afetiva resume-se em satisfazer suas necessidades, quando estas se instalam, e, por ser mais irritável e intolerante, pode a apresentar reações agressivas mais intensas ou desproporcionais à situação – mas é excessivamente apegado à figura materna, ou seu representante cuidador. A vida sexual é conturbada por complexos emocionais ligados à sua virilidade que redundam em necessidade de auto-afirmação agressiva do papel sexual, sem contudo alterar a identidade sexual impressa no seu auto-conceito. A maneira que lida frente a adulto do sexo feminino não ultrapassa a satisfação de uma necessidade fisiológica, num grau de excitabilidade não suficiente para liberar os complexos emocionais referidos, estes só são desencadeados frente garotos na faixa etária de suas vítimas, mas pode, isso sim, ser precipitada após uma relação sexual, entre adultos, que compromettesse a sua virilidade, segundo seus conceitos.

Este é o nosso parecer, salvo Melhor Juízo.

São Paulo, 07 de outubro de 2004

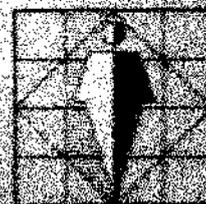


Me. Ps. Maria Adelaide de Freitas Caires  
CRP 06/9236  
Perito Relator



Me. Ps. Antonio de Pádua Serafim  
CRP 06/39.832-7  
Perito subscriptor

- ➔ Teste Ergométrico
- ➔ Mapa
- ➔ Holtler 24hs
- ➔ Eco Doppler Cardiograma
- ➔ Eletrocardiograma
- ➔ Radiologia Geral
- ➔ Mamografia
- ➔ Ultra-Sonografia
- ➔ Tomografia Computadorizada
- ➔ Ressonância Magnética
- ➔ Angiografia Digital
- ➔ Cateterismo Cardíaco
- ➔ Eletrofisiologia Cardíaca



**Instituto de Radiologia São Luis**

Rua Paulino Sousa, nº 17 - Monte Castelo - São Luís-MA

Fones: (98) 213 1200 / 232 8457 / 232 8000

E-mail: [instituto@radiologia.com.br](mailto:instituto@radiologia.com.br)

42

Prontuário: 0235904 São Luís Terça-feira, 6 de Abril de 2004 05:38

Convênio: S U S - RESSONANCIA

Exame de: FRANCISCO DAS CHAGAS RODRIGUES DE BRITO

Médico Solicitante: MARIA JOSE B. OLIVEIRA

TRIBUNAL DE JUSTIÇA/MA  
FLS

## RESSONÂNCIA MAGNÉTICA DO CRÂNIO

### TÉCNICA

- SE T1W SAGITAL
- SE T1W AXIAL
- FAST FLAIR AXIAL
- FSE T2W CORONAL

As diversas estruturas encefálicas encontram-se de morfologia normal e sem alterações de sinal.

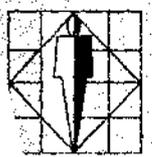
Tronco cerebral de aspecto anatômico.

Parênquima cerebelar com sinal dentro dos padrões da normalidade.

Ventriculos cerebrais de forma, topografia e dimensões normais.

*rmcaldinho*

EXPEDITO AGUIAR BACELAR JUNIOR  
CRM - 2688

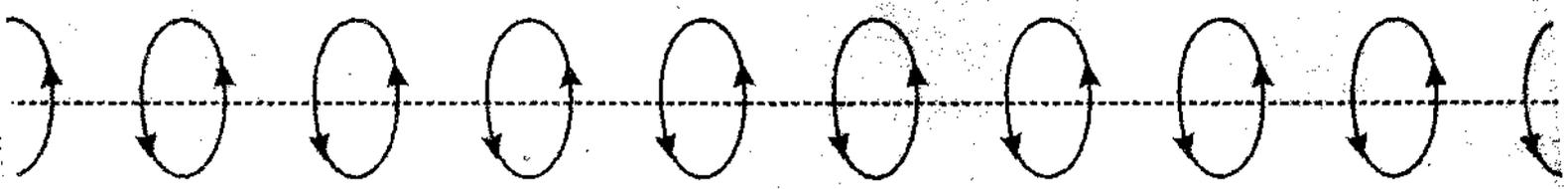


Instituto de Radiologia São Luís  
Rua Paulino de Sousa, 17 - Monte Castelo • Fones: (098) 232-6487 / 232-6890 / 233-1200  
E-mail: institutoradiologiasl@bol.com.br - CEP: 65035 - 480 • São Luís - MA.

# RESSONANCIA MAGNETICA

TRIBUNAL DE JUSTIÇA

FLS \_\_\_\_\_



HOSPITAL  
S